



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.752

“Educação, cinema e formação de professores: experiências de ensino e aprendizado histórico através da produção de curtas metragens”

Prof. Dr. Rodrigo Ribeiro Paziani
(UNIOESTE/Marechal Candido Rondon)

Prof. Dr. Humberto Perinelli Neto
(UNESP/São José do Rio Preto)

Prof. Ms. Rafael Cardoso de Mello
(Centro Universitário Barão de Mauá/Ribeirão Preto)

Resumo: A importância social alcançada pelas narrativas cinematográficas guarda vínculo com a transformação do próprio olhar humano e da maneira de conhecer. A capacidade de provocar encantamento e de intervir na construção da visão de mundo gerou o desenvolvimento de várias experiências em torno do emprego de filmes na educação e, em particular, no ensino de história. As possibilidades abertas pelas TIC têm incentivado a produção e o compartilhamento de vídeos, ampliando assim os espaços e as ocasiões em que a visualização dos filmes se faz presente e o emprego consciente e crítico destes no ensino e aprendizagem histórico. Tomando por base os resultados de um projeto de pesquisa e de um curso de extensão desenvolvidos no curso de Pedagogia da UNESP/IBILCE/São José do Rio Preto/SP, desde 2010, é que propomos nesta comunicação abordar o processo formativo de alunos/as do referido curso, através da produção de curtas metragens relacionados aos conhecimentos históricos escolares e à realidade empírica da cidade em questão. Valendo-nos de numa metodologia de pesquisa qualitativa, fruto de observações e entrevistas orais, e fundamentados num diálogo intrínseco com as reflexões de Paulo Freire, enfatizamos o valor heurístico do cinema, na medida em que ele tem se constituído numa fonte indispensável para (re)construção de saberes históricos (temporalidades, sujeitos, contextos, representações, práticas etc.) relevantes para uma formação inicial de professores alicerçada na autonomia pedagógica e na consciência histórica.

Palavras-Chave: Cinema; Educação; Saberes Históricos; Formação de Professores; Estudo local.

Introdução e Justificativa

Sabemos que a formação de professores no Brasil decorre, há várias décadas, de problemas vividos e estruturais relacionados aos contrastes (ainda sentidos) entre formação inicial/continuada, teoria/prática, pesquisa/ensino, saberes

“globais”/saberes especializados (SILVA & FONSECA, 2007; FONSECA, 2009). Intimamente articulados a estas evidências, encontram-se série de movimentos históricos e educacionais contemporâneos, representados pela globalização cultural capitalista, que têm valorizado (e até mesmo supervalorizado) o papel das tecnologias da informação e comunicação (TIC) tanto no cotidiano escolar, quanto no extra-escolar (BELLONI, 2001; SETTON, 2004).

De um ponto de vista pedagógico, falar das tecnologias e suas interfaces com a educação é falar também – e notadamente – de linguagens e as maneiras pelas quais elas se instituem e se expressam numa sociedade saturada de imagens e constituída por uma cultura visual e audiovisual (KENSKI, 2007) ou, as “linguagens audiovisuais”. Há aqueles que deram um passo além, pois utilizaram o conceito de “sociedades audiovisuais”, analisando-o da seguinte forma:

Em sociedades audiovisuais, narrativas em imagem-som comportam o que se convencionou chamar de currículo cultural, ou seja, um conjunto mais ou menos organizado de informações, valores e saberes que, via produtos culturais (nesse caso, audiovisuais), atravessa o cotidiano de milhões de pessoas e interferem em suas opiniões e em sua forma de aprender, de ver e de pensar [...] (DUARTE, 2004, p. 38).

À importância das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) vieram se somar uma série de experiências envolvendo a produção cinematográfica no ambiente escolar e, mais especificamente, em situações de ensino e aprendizagem histórica, tendo em vista a mudança na relação estabelecida com as imagens fílmicas nas duas últimas décadas.

Neste trabalho, vamos apresentar e debater as interfaces do ensino de História com a linguagem (e a narrativa) cinematográfica, tendo por eixo norteador um projeto de pesquisa desenvolvido junto aos alunos do curso de Pedagogia da UNESP/São José do Rio Preto, entre os anos de 2010 e 2014 (PERINELLI NETO, 2011) e intitulado, inicialmente, “Tempo e espaço em evidência: a produção de curtas metragens envolvendo aspectos da cidade de São José do Rio Preto como prática do ensino de história e de geografia”. Apesar de encampar duas disciplinas, nosso enfoque ficará restrito ao ensino de história, daí a necessária contextualização.

Falar do diálogo cinema-história (ou da necessidade premente dele) não constitui uma novidade na seara de historiadores e profissionais do ensino de

história. Há mais de duas décadas, um número significativo de publicações no Brasil e no exterior (livros, capítulos, artigos, dissertações, teses, resenhas) procuram abordar questões teóricas e metodológicas (além de estéticas e políticas) relacionadas às possíveis contribuições da linguagem e da narrativa cinematográficas no tratamento de temas e de objetos históricos, bem como o repensar do próprio estatuto da História (BERNARDET & RAMOS, 1994; NOVOA, FRESSATO & FEIGELSON, 2009; GUAZZELLI, DOMINGOS, BECK & QUINSANI, 2009; FERRO, 2010; ROSENSTONE, 2010).

Por sua vez, é perceptível a crescente incorporação deste diálogo por intelectuais de verve pedagógica e interessados em debater cinema e educação/cinema e escola/novas tecnologias e educação, cujo objetivo tem sido o de pensar as apropriações e usos do cinema ou das TIC em situações de aprendizagem, inclusive no ensino de história (CARVALHO, 1998; ARAÚJO FILHO, 2007; DUARTE, 2009; FISCHER, 2009; FONSECA, 2009; NAPOLITANO, 2011).

Para Selva Guimarães Fonseca, tal incorporação estaria relacionada a importância dos diversos espaços de saber, comunicação e vivência na formação de professores e alunos:

O professor, no exercício cotidiano de seu ofício, incorpora noções, representações, linguagens do mundo vivido fora da escola, na família, no trabalho, nos espaços de lazer, na mídia etc. A formação do aluno/cidadão se inicia e se processa ao longo de sua vida nos diversos espaços de vivência. Logo, todas as linguagens, todos os veículos e materiais, frutos de múltiplas experiências culturais, contribuem com a produção/difusão de saberes históricos, responsáveis pela formação do pensamento, tais como os meios de comunicação de massa – rádio, TV, imprensa em geral –, literatura, cinema, tradição oral, monumentos, museus etc. [...] (FONSECA, 2009, p. 164).

Partindo deste pressuposto fundamental, pensamos que o problema da (re)construção das linguagens na formação dos indivíduos, bem como as distintas estratégias de uso destas linguagens estão intrinsecamente ligadas a produção e o lugar de produção dos conhecimentos (BARRETO, 2002). No caso da História, ambos os procedimentos guardam estreitos vínculos com aprendizagens pautadas num arcabouço teórico-metodológico alicerçado nas reflexões sobre a “consciência histórica” e suas implicações nas práticas de ensinar história (RÜSEN, 2007; SCHMIDT, BARCA & MARTINS, 2010; CERRI, 2011).

Tomando por base as leituras críticas do PCN de História (e de propostas curriculares estaduais de História) para o nível Fundamental (1998), alguns estudos têm destacado um ensino de História construído “no” e “a partir do” local (SCHMIDT, 2004; FONSECA, 2009; BITTENCOURT, 2011) e apontado os avanços e impasses trazidos pelas práticas de cidadania e pelo paradigma cultural (ou “multicultural”) na análise de currículos escolares (RAMOS, 2007; FONSECA & COUTO, 2008).

Desta maneira, ao pautarmos nossa proposta nas relações entre cinema, história e ensino de história, nos fazemos uma pergunta: como pensar em práticas educativas diferenciadas que, não recusando as linguagens audiovisuais (e as TIC), estejam ancoradas na mobilização dos saberes docentes?

Cientes de que estes saberes provêm de várias fontes (pedagógicos, curriculares, experienciais, práticos) e de diferentes contextos históricos (pessoais, profissionais, políticos) e que são fruto de deliberações, racionalizações, escolhas e decisões individuais e/ou coletivas ligadas não apenas ao “formar”, mas ao “fazer-se” professor (TARDIF, 2002; PAIM, 2004), entendemos que as práticas de ensino dentro (e fora) das salas de aula caracterizam-se por apropriações e usos de tais saberes, incluindo iniciativas e recursos didáticos ao cinema e ao audiovisual.

Pretendemos abordar os processos formativos na área de história que levem em consideração as relações dialógicas entre os saberes docentes e as linguagens audiovisuais (cinema) e como elas podem tornar-se pedras angulares de projetos de mudança das práticas educativas realizadas nas escolas, através do método pedagógico de Paulo Freire (2000/2011), no sentido de valorizar a problematização, o espírito crítico, a prática da liberdade e a autonomia em crianças e jovens e nos próprios docentes – as sensibilidades, a criação (FRESQUET, 2013).

Existem claras evidências da penetração das tecnologias e linguagens audiovisuais na vida de milhões de crianças, jovens e adultos, na medida em que se apresentam como referenciais de transmissão de valores, padrões e normas de comportamentos característicos de sociedades de forte consumo imagético (SETTON, 2010).

Contudo, suas “potencialidades pedagógicas” ou, em outras palavras, as variadas formas de ver, sentir, pensar e apre(e)nder estas tecnologias e linguagens por intermédio dos sentidos sociais e significados culturais atribuídos pelos sujeitos

em diversos lugares, modalidades e contextos (BARRETO, 2008), têm merecido pouco aprofundamento da parte de estudiosos debruçados no diálogo entre teoria e prática, identidades e alteridades, local e “para além” do local no ensino de história – embora existam boas exceções (SIMONINI & NUNES, 2008; BUARQUE, 2010).

Todavia, que razões motivaram o projeto desenvolvido no curso de Pedagogia na UNESP/IBILCE/São José do Rio Preto?

Em primeiro lugar, não nos é estranho o fato de câmeras filmográficas se tornarem economicamente mais acessíveis a diversos grupos e classes sociais e integrarem os programas de celulares, i.pad’s e máquinas fotográficas. Ao lado deste fenômeno, temos ainda a popularização dos softwares de edição de vídeos, como *Windows Movie Maker*, *Eyepoint* e *Sony Vegas*, presentes nos equipamentos tecnológicos e/ou disponíveis gratuitamente pela internet (DE LUCA, 2009).

Porém, o que mais nos chama atenção é o domínio “prático” do vídeo digital e como isto tem gerado uma verdadeira febre pelo desejo de “filmar o real” – com ênfase na produção de vídeos baseados na estética dos documentários – não somente por profissionais da sétima arte ou professores e alunos de cursos de cinema e audiovisual (MESQUITA & LINS, 2008; LABAKI, 2014), mas, principalmente, por crianças, jovens e outros tantos diletantes interessados (basta entrar na internet) em publicizar suas vidas privadas ou abordar questões de foro público – tanto que, há mais de dez anos, alguns estudiosos de produção audiovisual perceberam essas experiências de montagem, produção e estruturação de vídeos a baixo custo, quando não a custo zero (BAYÃO, 2002; MOLETTA, 2009; WAINER, 2010; GERBASE, 2012).

Neste âmbito, o projeto realizado no curso de Pedagogia da UNESP explorou estudos de representação, produção e usos do cinema baseando-se num processo cognitivo, técnico, estético, ético e cultural de elaboração de práticas pedagógicas que envolvessem diretamente os seus participantes (professores e alunos).

Inicialmente vinculado a uma disciplina da grade curricular do curso – “Conteúdos e Metodologia do Ensino de História (e de Geografia)” – tal projeto, ao apresentar bons resultados nas primeiras produções de materiais audiovisuais, extrapolou seus limites disciplinares quando, em 2011, foram implementadas uma série de ações qualitativas, dentre elas a oferta aos alunos do curso de extensão universitária intitulado “Cinema e Educação”, um evento de avaliação dos curtas

metragens produzidos pelos alunos denominado “Mostra de Curtas” e, a contar de 2013, a montagem e a publicização de um site educativo.¹

Em comum, todas as ações pretendem aprofundar as reflexões sobre as práticas docentes e suas interfaces com o cinema e o audiovisual. Mas, falando especificamente sobre o curso de extensão universitária, cabe dizer que a proposta inclui não apenas as possibilidades histórico-pedagógicas de se trabalhar filmes, mas também (e o principal) o de abordar as potencialidades fílmicas de se repensar a formação docente e o ensino de história. Isto fica evidente nos módulos que compõem o curso: história do cinema mundial, história do cinema brasileiro, programas de edição, manuseio de câmera, planos cinematográficos, roteiros cinematográficos, tecnologias e formação docente, entre outros.

Foi com essas perspectivas que o projeto levou a frente a idéia de produzir curtas metragens, voltando-se para os processos formativos docentes fundamentados em problematizações de questões amplas, “globais”, através de pesquisas de dimensão local (São José do Rio Preto).

Objetivos

No que tange aos seus objetivos centrais, a produção de curtas metragens pelos alunos do curso de Pedagogia visou promover:

a) Reflexões dialógicas acerca dos principais conceitos e critérios de seleção de conteúdos que envolvem o ensino de história, bem como a validade do ensino desses conceitos estar associada à leitura da realidade dos alunos (FREIRE, 2000; 2011);

b) Um processo formativo comprometido com práticas educativas capazes de evidenciar a importância da vivência de certos saberes para a formação e ação docentes (TARDIF, 2002);

c) A valorização também de experiências estético-visuais, pois não se trata apenas de produzir (ainda que de modo compartilhado) os curtas metragens, mas o de formar expectadores de cinema, para que entendam a gramática desta arte, absorvam a riqueza cultural que os filmes transmitem e se apropriem da

¹ Trata-se do “cin/educ/ação”, site voltado para a produção específica de curtas metragens no Ensino de História (e de Geografia). Maiores informações sobre os objetivos do site, bem como suas produções audiovisuais e resenhas filmográficas, favor acessar o site: <http://cineducacao.jimdo.com/>

potencialidade comunicativa desta linguagem, empregando-a na educação (DUARTE, 2009);

d) Talvez um dos pontos fundamentais, a elaboração e desenvolvimento de pesquisas históricas – não aquelas inerentes ao universo acadêmico-científico, haja visto que os vídeos envolvem um outro lugar social de produção de conhecimentos (DE CERTEAU, 1982), mas as pesquisas de cunho pedagógico, que promovem debates sobre o ensino e o aprendizado em história, articulado a temas como formação docente e cotidiano escolar (FAZENDA, 1997; MORAES & LIMA, 2004).

Resultados

Ao longo de quase cinco anos, o projeto “Tempo e espaço em evidência...” do curso de Pedagogia da UNESP foi responsável pela produção de 25 curtas-metragens elaborados efetivamente por graduandos do mencionado curso, com enfoque no ensino de história (e também no de geografia).

Inspirando-se na estética dos documentários brasileiros contemporâneos – que têm incorporado “procedimentos antropológicos” como a ênfase em “episódios fragmentários, personagens anônimos”, na “auto-representação” e nos “momentos ordinários”, além da idéia de que “cabe ao espectador a tarefa de estabelecer conexões entre os dados sensíveis que os filmes apresentam e realidades humanas mais amplas” (MESQUITA & LINS, 2008) – é que propomos a produção destes curtas metragens como práticas de ensino de história. Produções audiovisuais de curta duração (variando entre 10 e 20 minutos), esses vídeos procuraram problematizar questões amplas e ligadas ao eixo “a cidade e o urbano”, a partir de temáticas envolvendo aspectos da realidade empírica de São José do Rio Preto (dimensão local), cidade paulista localizada a 450Km de São Paulo.

As temáticas dos vídeos, aliás, foram definidas também a contar de leituras críticas dos conteúdos programáticos indicados no PCN de História: Ícones arquitetônicos; Logradouros públicos; Inovações tecnológicas; Condições e marcos ambientais; Sociabilidades rurais; e Grupos étnicos e de imigrantes.

Neste sentido, trata-se de uma proposta que distancia-se tanto da idéia de “círculos concêntricos”, quanto de uma estética “localista” (o local pelo local): ao contrário, a dimensão local – vista como suporte “técnico” e “material” por onde

emergem temporalidades, espacialidades, subjetividades, memórias, imaginários – é tomada como mote privilegiado (ou, para ficar no âmbito do cinema, como “ângulo” privilegiado) na qual uma série de questões “macro-históricas” relativas a cidade e ao urbano (ou mesmo ao seu oposto e complemento: o campo e o rural) são analisadas detidamente, circunscritas a esfera micro-histórica. Não à toa, o aporte teórico e metodológico que norteou o projeto esteja calcado no pensamento e nas obras do historiador Carlo Ginzburg (1987, 1989, 2001, 2002, 2007a, 2007b).

Assim, apropriando-se de referida estética cinematográfica, sem deixar de acompanhar as mudanças e os impasses do ensino de história no Ensino Fundamental e preparar os alunos para pesquisas micro-históricas, o projeto resultou em comportamentos e atitudes qualitativas por parte dos graduandos do curso – caso da aposta na produção de vídeos denominados “docudramas”, isto é, narrativas que abordam temas históricos, por meio de encenações representadas por personagens humanas e/ou bonecos (feitos pelos próprios alunos).

Por seu turno, na senda das contribuições de Ginzburg, tratou-se de promover um “aprendizado mútuo” entre ficção e história. Isto significava reconhecer que é preciso incorporar o cinema na história, ou melhor, no ensino de história, mas também levar em conta a necessidade de incluir preocupações caras à narrativa histórica no interior da linguagem fílmica – reconhecendo, porém, que o filme não substitui o livro, por se tratar de modos diferentes de apreender o real vivido.

Um outro resultado a ser destacado, foi o fato dos alunos envolvidos no projeto (e em todas as ações propostas por ele) utilizaram uma gama variada de fontes documentais (fotografias, vídeos, dados estatísticos, jornais impressos, charges, gravuras, plantas arquitetônicas, mapas e obras artísticas), com destaque para as fontes orais, através de entrevistas com personagens “anônimos” – além das menções à Ginzburg, cabe citar Vainfas (2002). Ao lado da exploração de um conjunto variado de fontes, houve sempre a preocupação com a “prova” na produção destes vídeos: partindo de “indícios”, termo caro aos estudos ginzburgianos, foi possível o acesso às realidades históricas mais amplas e profundas.

Também identificado com as contribuições teórico-metodológicas de Ginzburg, um outro resultado importante foi a resignificação do papel dos sujeitos na história – e da própria história enquanto conhecimento “do”, “no”, “por meio do” e “para além

do” vivido, na medida em que procura articular as dimensões micro e macro-históricas (BURKE, 2002). Além disso, fortaleceu a consciência da re-valorização dos saberes docentes no ensino de história (MONTEIRO ET. AL., 2004; SILVA & FONSECA, 2007; FONSECA, 2009), pois a preocupação com o lugar social de produção dos conceitos (tempo, memória, sujeito) e dos conhecimentos históricos, bem como os nexos existentes entre estes conhecimentos e a produção audiovisual, não se separam dos processos formativos.

Por fim, sublinhar que a produção dos curtas metragens voltados ao ensino de história promoveu um conjunto de experiências socioculturais de trabalho e de criação compartilhadas entre os alunos, vistos como “agentes” produtores de suas próprias criações. Divididos em grupos, eles participaram coletivamente de todas as etapas envolvendo a produção dos vídeos, como a criação do roteiro, do argumento, do enredo, além da edição e da escolha da trilha sonora – culminando com a apresentação e a avaliação de seus curtas metragens durante as “Mostras” (que, em 2015, entrará em sua quinta edição).

Considerações Finais

As experiências de produção de curtas metragens têm se constituído, ao contrário do que se imagina, de fundamental importância para as reflexões sobre práticas de ensino de história, na medida em que possibilitam reconstruir, de forma lúdica e heurística, as relações significativas entre ensino e pesquisa, indivíduo e sociedade, teoria e prática, tecnologias audiovisuais e saberes docentes.

Um dos grandes desafios envolvendo tais experiências diz respeito às condições de possibilidade dos futuros professores (e seus potenciais alunos) mobilizarem – tanto dentro, quanto fora da escola – um conjunto de conhecimentos formativos (específicos e gerais), que promovam prática educativa marcada pelo respeito a autonomia, a criticidade e a pluralidade dos sujeitos (FREIRE, 2000; FONSECA, 2009; CIAMPI, 2009).

Mesmo diante de críticas (bastante coerentes) de que existam perigos reais em se identificar “naturalmente” os desenvolvimentos tecnológicos com as mudanças educacionais (KENSKI, 2007), acreditamos que os debates em torno dos processos formativos dos futuros docentes de História passam pelo aprofundamento das relações dialéticas entre saberes, sujeitos e linguagens (e

também as tecnologias) – eis um desafio que o cinema e o audiovisual podem vir em nosso auxílio nesta árdua (e esperançosa) tarefa de lutar pelo direito a cidadania e a transformação da sociedade.

Transformar o aluno em sujeito da produção de material audiovisual significa pensar, segundo Paulo Freire, no compromisso do educador de que “ensinar não é transferir conhecimentos”, que “ensinar é uma especificidade humana” e, notadamente, que ensinar história consiste em estar aberto ao “inacabamento do mundo”. Deste modo, poderá ser preparado qualitativamente para refletir (e agir reflexivamente) sobre seus saberes, sua formação profissional e seu papel de cidadão, construindo para si próprio (e para os outros) uma vida plena de “consciência histórica”, ou seja, repleta de sentidos de vida, trabalho e mudança.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO FILHO, Waldemir de. **Cinema e ensino de História na perspectiva de professores de História**. Rio de Janeiro, 2007. 116f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Rio de Janeiro, 2007.
- BARRETO, Raquel. **Formação de professores, tecnologias e linguagens: mapeando velhos e novos (des)encontros**. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. A presença das tecnologias In: FERRAÇO, Carlos E. (org.). **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 141-157.
- BAYÃO, Luiz G. **Escrevendo curtas: uma introdução à linguagem cinematográfica do curta-metragem**. Niterói: Nitpress, 2002.
- BELLONI, Maria L. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BERNARDET, Jean-Claude. & RAMOS, Alcides F. **Cinema e história do Brasil**. 3ª. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia e História**. Brasília, 1998 (Vols. 05.1 e 05.2).
- BUARQUE, Virgínia. (org.). **Curtas em Mariana e Ouro Preto: identidades através do ensino de história**. Ouro Preto: Editora UFOP, 2010.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. Trad. K. Gerhardt e R. Majer. São Paulo: UNESP, 2002.
- CARVALHO, Elma de. Cinema, História e Educação In: **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 3, n. 5, p. 121-131, set./1998.
- CERRI, Luís F. **Ensino de História e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- CIAMPI, Helenice. Formação de professores: pesquisa e ensino de história In: FELDMAN, Maria G. (org.). **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: Senac, 2009, p. 97-118.
- DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Trad. Maria de L. Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

DE LUCA, Luiz G. **A hora do cinema digital**: democratização e globalização do audiovisual. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FAZENDA, Ivani. (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1997.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Trad. Flávia Nascimento. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FISCHER, Rosa M. B. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p.93-102, jan./abr. 2009.

FONSECA, Selva G. **Didática e prática de ensino de história**. 8ª. ed. Campinas: Papirus, 2009.

_____. & COUTO, Célia R. do. Formação de professores de História no Brasil: perspectivas desafiadoras do nosso tempo In: ZAMBONI, Ernesta & FONSECA, Selva G. (Orgs.). **Espaços de formação do professor de História**. Campinas: Papirus, 2008, p. 101-130.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 14ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 14ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GERBASE, Carlos. **Cinema: primeiro filme** – descobrindo, fazendo, pensando. São Paulo: Artes e Ofícios, 2012.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. Maria B. Amoroso e José P. Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **A micro-história e outros ensaios**. Trad. António Narino. Lisboa: DIFEL, 1989.

_____. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Relações de força**: história, retórica, prova. Trad. Jônatas B. Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Mitos, emblemas e sinais**: Morfologia e História. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

_____. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Trad. Rosa F. D’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.

GUAZZELLI, Cesar; DOMINGOS, Charles; BECK, José & QUINSANI, Rafael (orgs.). **A prova dos 9**: a história contemporânea no cinema. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2009.

KENSKI, Vani M. O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias In: VEIGA, Ilma P. A. (org.). **Didática**: o ensino e suas relações. 4ª. ed. Campinas, Papirus, 2007.

MESQUITA, Cláudia & LINS, Consuelo. **Filmar o real**: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta metragem em vídeo digital**: uma proposta para produções de baixo custo. São Paulo: Summus, 2009.

MONTEIRO, Ana M. et al. (orgs.). **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Maud X/FAPERJ, 2004.

MORAES, Roque; LIMA, Valderez. (orgs.). **Pesquisa em sala de aula**: tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre: Ed. PUC/RS, 2004.

MOURÃO, Maria D. & LABAKI, Amir. **O cinema do real**. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 5ª. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NOVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni; FEIGELSON, Kristian. (orgs.). **Cinematógrafo: um olhar sobre a História**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

PAIM, Elisson. Do formar-se ao fazer-se professor In: MONTEIRO, Ana M. et al. (orgs). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Maud X/FAPERJ, 2004, p. 157-171.

PERINELLI NETO, Humberto. Tempo, espaço e cinema: uma proposta de prática de ensino de história e geografia. In: GRANVILLE, Maria A. (org). **Currículos, sistemas de avaliação e práticas educativas: da escola básica à universidade**. Campinas: Papyrus, 2011, p.119-134.

RAMOS, Márcia E. T. O ensino de História e a questão do multiculturalismo depois dos parâmetros curriculares nacionais In: CERRI, Luis F. (org.). **Ensino de história e educação: olhares em convergência**. Ponta Grossa: UEPG, 2007, p. 93-111.

ROSENSTONE, Robert. **A história nos filmes, os filmes na história**. Trad. Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

RÜSEN, Jorn. **História viva**. Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevão de R. Martins. Brasília: Editora UnB, 2007.

SCHMIDT; Maria A. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica In: MONTEIRO, Ana M. et al. (orgs). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Maud X/FAPERJ, 2004, p. 187-198.

SCHMIDT; Maria A; BARCA, Isabel & MARTINS, Estevão de R. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SETTON, Maria da G. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Marcos & FONSECA, Selva G. **Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido**. Campinas: Papyrus, 2007.

SIMONINI, Gizelda & NUNES, Silma. A formação de futuros docentes para o ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental nos cursos de licenciatura em pedagogia e normal superior In: ZAMBONI, Ernesta & FONSECA, Selva (orgs.). **Espaços de formação do professor de história**. Campinas: Papyrus, 2008, p.163-184.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 16ª. ed. Trad. Francisco Pereira. Petrópolis: Vozes, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. **Micro-história: os protagonistas anônimos da história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

WAINER, Julio. **Idéia, imagens e sons: caminhos para a estruturação de um documentário**. São Paulo, 2010. 121f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica, 2010.